



COPA, FUTEBOL E PODER POLÍTICO

Julho começa em meio a mais uma edição da Copa do Mundo de futebol, quando os torcedores de vários países vestem as cores de suas bandeiras, em uma parafernália colorida e barulhenta. Diante dessa ocasião, não podíamos deixar de lembrar que a história do futebol no Brasil começa quase ao mesmo tempo que a história da República. Considera-se que a primeira partida de futebol realizada no Brasil aconteceu entre ferroviários no campo da Várzea do Carmo, no bairro do Brás, São Paulo, em 1895, seguindo as regras oficiais do jogo que foram trazidas da Inglaterra no ano anterior pelo paulistano Charles Miller.

Assim como a República, o futebol surgiu entre nós como atividade de uns poucos e bem-nascidos cidadãos da elite. Porém, a popularidade do esporte cresceu a partir da década de 1910 e, aos poucos, nas brechas dos aristocráticos regulamentos desportivos, houve a inclusão de jogadores de outras classes sociais, muitos deles negros. Desde então, esse esporte logo se viu entremeadado pelo jogo acirrado de interesses econômicos e políticos, que até hoje usam o seu sucesso popular como oportunidade de negócios e importante instrumento de controle social.

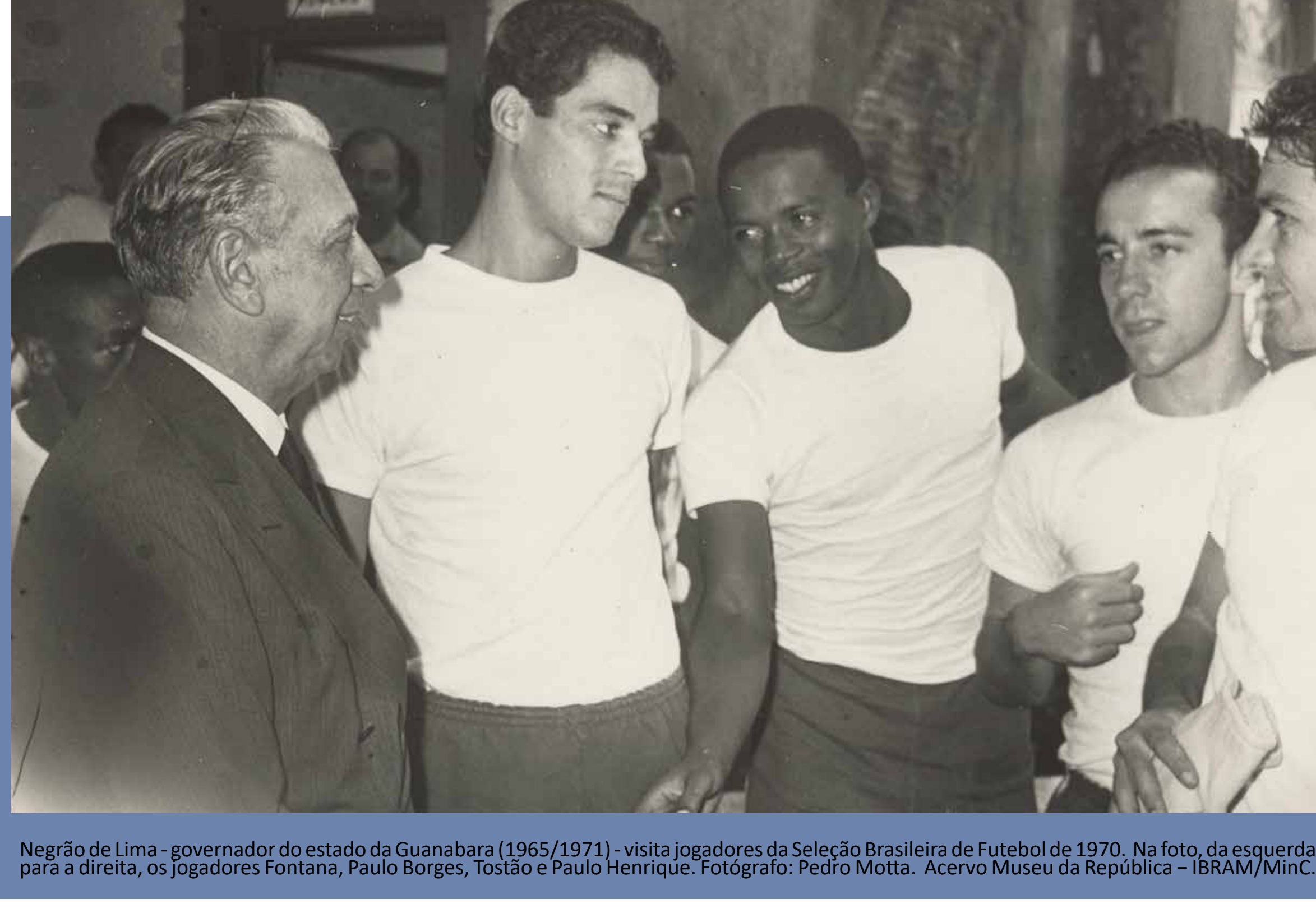


Pelé - jogador da Seleção Brasileira de Futebol de 1962 - com Carlos Lacerda, governador do estado da Guanabara (1960/1965). Ao fundo, outros integrantes da Seleção, à direita o jogador Castillo e à esquerda, Orlando. Fotografia: Pedro Motta. Acervo Museu da República - IBRAM/MinC.

Na história do Brasil República, o uso político do prestígio do futebol tem sido frequente através da associação dos governos com a vitória. A propaganda oficial e os meios de comunicação de massa criaram um imaginário herói que os jogadores eram brasileiros locais que colocavam o país como potência no cenário internacional. O discurso da vitória no futebol era permeado por princípios nacionalistas, mostrando-o como um esporte com milhões de seguidores e parte integrante da identidade nacional e da cultura popular de massa. Existiria uma maneira brasileira de jogar futebol que seria expressão do caráter nacional e faria parte da vida cultural. O futebol

seria um símbolo da excelência brasileira.

Foi assim que o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) adotou o futebol como um dos pilares de identidade nacional e de harmonia social e racial. Sua consagração como esporte nacional veio com a inauguração do maior estádio do mundo até então, o Maracanã, no Rio de Janeiro, capital do país, em 1950. Naquele ano o Brasil foi sede de Copa do Mundo e amargou sua primeira derrota em uma final de jogos mundiais. Desde então, não há governante que ignore na paixão popular por seus times um veículo de propaganda eficiente, uma forma de se mostrar mais “próximo” dos gostos da população.



Negrão de Lima - governador do estado da Guanabara (1965/1971) - visita jogadores da Seleção Brasileira de Futebol de 1970. Na foto, da esquerda para a direita, os jogadores Fontana, Paulo Borges, Tostão e Paulo Henrique. Fotógrafo: Pedro Motta. Acervo Museu da República - IBRAM/MinC.

Em 1958, há 60 anos atrás, a seleção brasileira de futebol conquistou sua primeira Copa do Mundo, na Suécia. O Palácio do Catete, então sede da Presidência da República, fez parte do roteiro de comemorações populares, como nos lembra esse testemunho de um morador da vizinhança naquela época.

“Eu morava na Praia do Flamengo a duas quadras do Palácio do Catete. Naquele domingo, junho de 1958, acordamos cedo, mal dormidos, com o coração a mil. Passamos a manhã toda colados no rádio buscando a melhor sintonia das vozes fanhosas pela distância, ora do Oduvaldo Cozzi, ora de Gerado José de Almeida. Quando Pelé marcou o quinto gol brasileiro, arrasando a seleção da Suécia, estourou por todo país o grito de campeão do mundo preso na garganta desde 1950. Como que combinado, fomos todos

nos juntando na rua, bandeiras brasileiras na mão e marchamos para o Catete. Uma multidão se juntou à frente do Palácio e cantamos o hino nacional. Juscelino chegou à sacada e acenou para nós. Explodimos de orgulho de sermos brasileiros.” (Antonio Claudio Sochaczewski. In: Saudades do Brasil – a era JK. Rio de Janeiro. Memória Brasil/CPDOC - FGV. 1992.)

Quando os jogadores campeões retornaram ao Brasil com a taça Jules Rimet em mãos, foram recebidos por Juscelino Kubitschek no Palácio do Catete, em solenidade oficial de entrega de medalhas. Coube ao sucessor de JK na presidência, João Goulart, receber a seleção brasileira após a conquista de sua segunda Copa do Mundo, em 1962. Dessa vez, a comemoração oficial foi realizada em Brasília, nova capital federal desde 1960.

O tricampeonato veio na Copa de 1970, no México. No Brasil, que vivia o período mais violento da ditadura militar, a vitória no futebol foi utilizada como propaganda para o governo do general Médici e seu “milagre econômico”: “Pra frente Brasil, salve a seleção”. Segundo o discurso oficial, repercutido pela imprensa, a conquista era um reflexo do momento econômico positivo pelo qual passava o país, com industrialização acelerada, aumento das exportações, o fortalecimento da classe média e maior capacidade de aquisição de bens duráveis. Ao mesmo tempo, a glorificação do time brasileiro servia ao propósito de “diluir” numa atmosfera de otimismo a oposição dos setores democráticos à violência e repressão do regime.

Em 1994 e 2002, tetra e pentacampeonatos da seleção, o cerimonial de recepção dos campeões repetiu o de 1970: os jogadores foram recebidos no Palácio do Planalto pelo presidente Itamar Franco, na primeira ocasião, e Fernando Henrique Cardoso, na seguinte. Muito se discute sobre o quanto os êxitos futebolísticos influenciam o voto em anos eleitorais, como foram 1994 e 2002, e como é este ano de 2018. Porém, ninguém duvida que, assim como os torcedores esperam pelo hexacampeonato brasileiro na Rússia, muitos governantes e candidatos torcem para sempre bem-vinda oportunidade de se beneficiarem com os ânimos temporariamente acalentados dos cidadãos que têm no futebol uma razão de alegria e confraternização.

Pesquisa e texto: Carla Costa, Elizabeth Sussekind e Paulo Celso Corrêa.

EXPOSIÇÕES



GABINETE REPUBLICANO VEIO NA COPA DE 1970, NO MÉXICO. NO BRASIL, QUE VIVIA O PERÍODO MAIS VIOLENTO DA DITADURA MILITAR, A VITÓRIA NO FUTEBOL FOI UTILIZADA COMO PROPAGANDA PARA O GOVERNO DO GENERAL MÉDICI E SEU “MILAGRE ECONÔMICO”:

“Pra frente Brasil, salve a seleção”. Segundo o discurso oficial, repercutido pela imprensa, a conquista era um reflexo do momento econômico positivo pelo qual passava o país, com industrialização acelerada, aumento das exportações, o fortalecimento da classe média e maior capacidade de aquisição de bens duráveis. Ao mesmo tempo, a glorificação do time brasileiro servia ao propósito de “diluir” numa atmosfera de otimismo a oposição dos setores democráticos à violência e repressão do regime.

Local: Palácio do Catete
Horário: de terça a sexta de 10h às 16h
Sábados, domingos e feriados de 11h às 17h30min
Realização: Museu da República.

UM PALÁCIO E SUAS MEMÓRIAS

Em 2017, o Palácio do Catete comemorou 150 anos do término de sua construção e 120 anos da instalação da presidência da república no local. A exposição de banners procura contar a história da edificação do palácio, a ocupação pela Presidência da República e a posterior transformação da antiga sede do governo federal no Museu da República.

Local: Pátio interno
Horário: de terça-feira a domingo - de 9h às 18h
Realização: Museu da República.

REPÚBLICA DO FUTEBOL

Exposição de banners, que aborda diversos aspectos da história do futebol no Brasil, estimulando a reflexão sobre o esporte que mexe com os corações dos brasileiros.

Local: Aleia central
Horário: de segunda a domingo de 8h às 17h30min
Curadoria: Elizabeth Abel de Figueiredo e Marcius Macri.

CRÔNICA CARIOCA DE UM RIO PARTICULAR

Apresenta a Cidade do Rio de Janeiro sob um olhar poético e particular do artista Luis Teixeira Mendes que abrange os seguintes temas: Retratos do Cotidiano e Instantes Urbanos, Monumentos, Museus, Arquitetura, Artes e Cultura e Natureza e Cartões Postais.

Local: Palácio do Catete
Horário: de terça a domingo de 11h às 18h
23 de junho a 26 de agosto
Curadoria: Walter Firmo.

CORTE MATUTA, O MUSICAL

A vídeo-instalação, proposta da artista e pesquisadora Simone Michelin, refere-se crítica e ironicamente ao Estado brasileiro, usando como elemento de paródia a dança da Quadrilha nas festas juninas. Com imagens de um concurso para escolha da Corte Matuta, Rei Matuto e Rainha Caipira em Boa Vista, Raimata, como metáfora ilustrativa do processo eleitoral brasileiro. O Palácio do Planalto, apresentado em 3D, faz a ponte.

Local: Galeria do Lago
Horário: de terça a sexta, de 10h às 12h e de 13h às 17h
Sábados, domingos e feriados, de 11h às 18h
Curadoria: Isabel Sanson Portella.

SERESTA NO MUSEU DA REPÚBLICA

Evento interativo e participativo, aberto ao público e organizado pelos frequentadores do Museu.

Local: Pátio interno próximo à rua Silveira Martins
Horários: 17h às 20h (de terça a sexta-feira)
De 15h às 18h (sábados e domingos)

DIA 1

TEATRO

Peça PQP, Brasil!

Uma família bastante estressada passa por dificuldades financeiras e medo da violência urbana. A situação chega ao clímax quando a cena se congela e os atores pedem ajuda à plateia para dar continuidade à história.

Local: Auditório
Horário: 18h às 20h
Realização: Cia Militantes em Cena.

DIAS 7, 14, 21 E 28

OFICINAS

Afrograffiteiras

Oficinas de formação em arte urbana, focado na expressão e promoção do protagonismo de mulheres afro-brasileiras. Temáticas em arte urbana como veículo da comunicação, empreendedorismo social, produção cultural, economia criativa, novas tecnologias da comunicação, informação e marketing viral.

Local: Espaço Educação e Jardim
Horário: 10h às 17h30min
Realização: NAMI/Rede Feminina de Arte Urbana.

DIA 7

OFICINAS

Cantigas tradicionais e brinquedos cantados

Um “espaço-tempo” de conexão com a música que nos habita, que toca a alma e os nossos corações. Momentos de troca de repertório, experimentação e criação permeados por um rico emaranhado de histórias cantadas, rodas de verso, cirandas, brinquedinhos de mão, cantorias, brinquedos cantados e as mais diversas cantigas populares.

Local: Auditório
Horário: 15h às 18h.
Realização: Fabrícia de Carvalho.

DIAS 7 E 14

TEATRO

Peça Os encantos do Sossego

Este monólogo, em forma de contação de história, aborda questões ligadas ao patrimônio imaterial, à reinvenção artística e cultura popular, e às lendas extraordinárias da Amazônia, que falam de amor, fraternidade, respeito à natureza e de ancestrais.

Local: Gruta
Horário: 15h às 17h
Realização: Juliana Espíndola.

DIA 8

OFICINA DE PRÁTICAS MANUAIS

Mãos em Movimento no Parque

Roda aberta ao público interessado em exercer práticas manuais de crochê e tricô ao ar livre.

Local: Jardim
Horário: 10h às 14h
Realização: Bordado Mágico/Dolores Schroeder-organizadora.

DIA 11

LANÇAMENTO DE LIVRO

Criar, ver e pensar: um acervo para a República

O livro da historiadora Maria Helena Versiani (Editora Garamond, 2018) é uma reflexão sobre o que motiva e justifica a formação de acervos museológicos, mostrando como estudo de caso o acervo preservado no Museu da República.

Local: Pátio à frente da Galeria do Lago
Horário: 18h às 20h
Coordenação: Maria Helena Versiani.

DIA 19

CINECLUBE

Ação Cineclubes Livres

16ª Edição da Mostra do Filme Livre – MFL

A Mostra é conhecida por dar espaço para produções independentes, documentários feitos sem verbas públicas ou sem patrocínio significativo, e de viés mais autoral.

Local: Espaço Multimídia
Horário: 18h às 20h
Realização: Museu da República.

SERESTA NO JARDIM DO MUSEU DA REPÚBLICA

Evento aberto ao público, realizado há 22 anos e organizado pelo seresteiro Gilmar Santoro.

Local: Jardim próximo ao chafariz e aleia do Coreto
Todos os domingos
Horários: 15h às 17h30min

DIAS 20, 21 E 22

FEIRA DE ORQUÍDEAS

Exposição com venda e informações sobre orquídeas, seu cultivo, comercialização de espécies e produtos.

Local: Aleia central
Horários: 9h às 18h
Realização: OrquídaRio Orquidófilos Associados.

DIA 21

REDE RIO FLOR

Palestra para alunos do Curso de Formação em Terapia Floral da RIOFLOR - Associação de Terapeutas Florais do Estado do Rio de Janeiro - relacionada aos Florais de Minas.

Local: Auditório Apolônio de Carvalho
Horário: 9h às 12h30min
Realização: Deisemar Holanda Cassiano.

DIA 21

TEATRO

Marionetas Chilenas

Peça musicada destinada a crianças e famílias, com 12 canções populares sobre a abordagem de gênero em contos de fadas infantis clássicos.

Local: Pátio interno próximo à Silveira Martins
Horário: de 15h às 17h
Realização: Susana Soledad/Grupo Musical Las Pecesoras.

DIA 22

SARAU DE VIOLINOS E VIOLAS

Apresentação musical de alunos de violino e viola, aberta ao público em geral.

Local: Auditório
Horários: 13h30min às 18h
Realização: Camila Pereira/coordenadora.

DIA 26

CINECLUBE

Documentário: *O veneno está na mesa*

Direção: *Silvio Tendlar*

O Brasil é o país que mais consome agrotóxicos proibidos, sem levar em consideração o risco para a saúde pública. A ideia do filme é mostrar como estamos alimentando-nos mal e perigosamente, por conta de um modelo agrário perverso, baseado no agronegócio.

Local: Espaço Multimídia
Horário: 18h às 20h
Realização: Elizabeth Abel de Figueiredo, Flávio Leão, Lúlia Dias e Katia Frecheirás.

DIA 28

LEITURA DRAMATIZADA

Monólogo, VALSA Nº 6, de Nelson Rodrigues. Sonia, uma adolescente de 15 anos é assassinada no dia de seu baile de debutante. Enquanto toca no Piano a Valsa nº 6 de Chopin, relembra momentos de sua vida.

Local: Gruta
Horários: 15h às 17h
Realização: Associação de Fotógrafos do Rio de Janeiro/Cilano Simões.

DIA 29

FEIRA DE FOTOS

Exposição de fotos de diversos profissionais do Rio de Janeiro.

Local: Aleia da Rua Silveira Martins
Horário: de 9h às 18h
Realização: Associação de Fotógrafos do Rio de Janeiro/Cilano Simões.

DIA 31

52ª JORNADA REPUBLICANA

Jornada Republicana da Água

No ano de realização do 8º Fórum Mundial da Água e do Fórum Alternativo Mundial da Água, em março passado, em Brasília, tiveram destaque os debates e a mobilização de grupos sociais em torno da democratização do acesso à água. Cresce a consciência da necessidade do controle social e maior transparência na gestão das águas e nos serviços de saneamento. Bem público, natural, vital e, para muitos, sagrado, em contraponto à natureza econômica do serviço público de distribuição de água à população.

Local: Sala Multimídia
Horários: 18h às 20h
Organização: Maria Helena Versiani e Alejandra Saladino